



O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA: DESTACANDO AS CIDADES DOS NOTAVÉIS, CIDADES-EMPRESAS, CIDADES RODOVIAS E AS CIDADES TRADICIONAIS

José Nairo Paes da Silva

Resumo

Este artigo analisa as “cidades na floresta”, criadas para atender aos grandes projetos ou “grandes objetos” econômicos, implantados na Amazônia a partir da segunda metade do século XX; dando ênfase as cidades e estas também chamadas de; Cidades dos notáveis, cidades-empresa, cidades rodoviárias e cidades tradicionais. A discussão é inspirada em reflexões teóricas elaboradas por Henri Lefebvre, Berta Becker, Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior, José Aldemir de Oliveira, Milton Santos, pensarem uma teorização do espaço e, igualmente, ao proporem uma reflexão que dê conta de compreender o território brasileiro em particular urbanização da Amazônia e os desafios de implementação de políticas públicas.

PALAVRAS CHAVES

Cidades, urbanização, políticas públicas e Amazônia.

INTRODUÇÃO

Existe uma Amazônia urbanizada? Devemos compreender que as políticas públicas ainda não estão em sintonia com a diversidade territorial e urbana que existem na Região, precisamos relacionar a biodiversidade, a natureza e a sociodiversidade e respeitar os povos que habitam a floresta, essas interrelações nos remetem a pensar que precisamos falar de uma multiplicidade urbana, que tem a ver com os processos de mudança que aconteceram na década de 1960, com processo de Interrelação Regional e fazem com que a Amazônia passe por impactos e transformações muito grande, mas também apresente permanência e resistência nos modos de vida e nas formas urbanas de como viviam nossos antepassados e entendermos como essas mudanças foram ocorrendo gradativamente provocando metamorfoses complexas em toda a área da Região Amazônica.

Falamos de Urbano Diversidade para expressarmos sobre as diversas Amazônias e dos diferentes tipos de cidades que compõem essas inúmeras Amazônias, e assim analisarmos a diferença que existe entre o urbano se manifestando nas cidades e além das





idades, tornando uma combinação muito forte e complexa de rural e de urbano que se expressa em diversas cidades de tamanho: médio, pequeno e metropolitano, pois quando se fala de urbano e de diversidade estamos problematizando essas diversas Amazônias.

Não há como pensarmos em uma Amazônia homogenia, assim como não podemos pensar em políticas públicas homogenias para essas cidades que são diversas e que são totalmente diferenciadas, uma coisa que se tornou muito comum em falarmos é dessa urbanização da população que nos últimos anos ou nas últimas décadas se tornaram visível, beirando um percentual, onde pode se caracterizar de Amazônia Urbana, pois mais de 70% da população está vivendo em cidades ou vilas, no entanto, é uma forma de se questionar se isso é urbano ou não. Mas isso, representa uma concentração de população em determinados pontos do território e isso de uma certa maneira reflete uma forma de ocupação e uma lógica de ocupação que foi representada para a Amazônia nos últimos anos.

Então vamos falar de uma urbanização para além dos números, para além dessas populações que o IBGE nos coloca que está centrada em vilas ou em aglomerados de populações isolados, podemos pensar na ideia de “Sociedade Urbana” proposta por Henri Lefebvre, que inúmeros autores vêm questionando que se é válido ou não para a Amazônia, quando Henri Lefebvre falava de “Sociedade Urbana” pensando principalmente a Europa. Ele estava falando de “um modo de vida urbana”, não necessariamente de pessoas morando nas cidades, mas isso vai incluir o modo de vida urbano, onde se projeta parte das metrópoles das grandes cidades e tem a ver com práticas, comportamentos e os valores da cidade moderna que se projetam para além da cidade e é nesse momento que se faz a diferença entre a cidade e o urbano, a cidade sendo a forma espacial e o urbano o modo de vida, então da mesma forma que podemos falar de um modo de vida que se expande cada vez mais nesse espaço globalizado.

Na Amazônia também há esses valores e esses comportamentos que cada vez mais é observado nas relações sociais, aí temos propor a ideia de urbanização de Milton Santos, quando ele escreve uma “Urbanização no Território”, onde ele estava falando de “nexo de modernização da sociedade urbana que se projeta no território”, não é só mais o





comportamento e os valores urbanos, mas é uma lógica de infra estrutura que dar sentido a esses comportamentos que se projetam a partir das cidades para além das cidades. Ele falava “do sistema de ação e do sistema do objeto de urbanização do território”, assim, estamos falando de duas combinações, isto é: “o sistema de ação e o sistema de objetos”. Neste caso aqui o sistema tem a ver com os comportamentos, o modo de vida urbano e o sistema de objeto que no território dar sentido ou apoio logístico ao meio de comportamento dos valores urbanos, então a ideia é pensamos na urbanização do território para a Amazônia e que elementos levaram a essa projeção e levaram a uma difusão dos valores urbanos quando se pensa no ordenamento territorial a exemplo das colocações de Henri Lefebvre e do Milton Santos.

A proposto dessa questão, faz os seguintes questionamentos: A Amazônia é urbana? A Amazônia não é urbana? Várias teses foram levantadas. A mais conhecida é da “Floresta Urbanizada ou da Selva Urbanizada”, que Bertha Becker coloca e que muitos autores se contrapõem de que a Amazônia não é uma “Floresta Urbanizada” ou uma “Selva Urbanizada”, quando Bertha Becker falava da “Selva Urbanizada”, ela estava falando principalmente de “uma fronteira urbana, uma conexão do modo de vida urbano”. Nesse sentido que ela cita Henri Lefebvre em um dos livros, quando afirma que: “não é a presença da paisagem na cidade dominante na Região, mas se trata de lógicas que tem a ver com o mercado de trabalho, com os comportamentos urbanos, com modos urbanos que dão sentido urbanos ao processo de ocupação da Amazônia, quanto fronteira econômica”. Era exatamente o que ela chamava de “Fronteira Urbana” que podemos entender, como a expansão de modos de vida urbano que a Amazônia começava a se inserir. Uma outra tese que de certa maneira é meio contrapondo a primeira, mas não nega completamente, quando afirma Machado que: “os novos municípios que surgiram na Amazônia, alguns deles apresentavam em grande parte uma população mais rural do que urbana”, então ela falava de uma tendência a ruralização em vez de uma tendência a urbanização, só que a consideração a essa tendência de uma população que é rural dos novos municípios que não prescinde do urbano, tem uma base de apoio do urbano para a distribuição dos seus produtos, como base logística para uso do comércio. Na verdade, os números que reflete as populações mais rurais dos municípios mais novos, não configuram necessariamente uma





população eminentemente rural, uma tendência de ruralização no domicílio, mas não nos comportamentos e nas práticas das relações, contrapondo a tese de Bertha Becker, quando ele escreve que, “essa ideia de urbanização que se apresenta para a Amazônia e é equivocada”, o autor faz uma recontagem considerando como população urbana aquelas cidades que tem 20.000 habitantes acima. Então na sua visão, todas as cidades que tinham menos de 20.000 habitantes são populações rurais, neste caso, é meio arbitrário considerar esses recortes estatísticos porque se considera que se tornamos como exemplos pequenas cidades que não tem 20.000 habitantes, mas vive uma vida mais metropolitana que muitas metrópoles. Talvez cairemos em um outro erro em não tratar essas populações como urbano, mas de qualquer maneira ele faz um contraponto, que seja exagero pensar em uma selva urbanizada, uma floresta urbanizada como falava Berta Becker.

José Aldemir Oliveira, escreve acompanhando o pensamento de Henri Lefebvre, “de uma urbanização da sociedade”, mas salienta que: “é muito mais uma difusão do modo de vida urbano nessa Região que o domínio da paisagem na cidade”, ele falava da “urbanização da sociedade na Amazônia”, de acordo com o raciocínio de Henri Lefebvre, colocando o Monte Mór, acompanha o mesmo raciocínio: “da urbanização extensiva”, mostrando que o modo de vida urbano se projeta na grande cidade e medias cidades, mas também está presente nas pequenas cidades e no campo, através dos valores urbanos.

Browder & Godfrey, descreve uma “urbanização muito complexa para Amazônia” e que não dar para enquadrar a urbanização da Amazônia em teorias muito bem definidas e consolidadas, porque á diferente forma de integração das relações socioespacial e sistema micro, com dinâmicas muito próprias muitas vezes combinando mais rural com urbano, fortes vínculos metropolitanos em relação as conexões que estabelecem. Então faz-se necessário pensar um pouco essa diversidade proposta em que há diversas teses da Amazônia urbanizada e outros contrapontos, mas de certa maneira o que se pode observar em todas elas é uma preocupação com fenômeno urbano na Região e não podemos admitir a tese da selva urbanizada, o importante é considerarmos que há um processo de urbanização em curso e que é interessante para ser incorporado nas políticas públicas e nas políticas territoriais, como uma particularidade da Região que não se resume apenas a floresta não urbanizada a floresta mais rural.





MOMENTO PARA SE PENSAR A DIVERSIDADE URBANA ANTES E APÓS 1960

Podemos pensar em uma Amazônia antes de 1960 com uma atividade econômica mais tradicional, com o predomínio do extrativismo vegetal e tendo como principais produtos: madeiras, soja e castanha-do-pará e após essa década o que marca essa ruptura das mudanças são as frentes econômicas e um processo de modernização muito intenso que vai culminar nos dias atuais com a difusão da soja em determinados espaços da Região.

ALGUMAS CIDADES NA AMAZÔNIA URBANIZADA

CIDADE DOS NOTÁVEIS

No passado uma presença muito marcante daquilo que Milton Santos chamava de: “cidade dos notáveis”, onde nessas pequenas cidades em que as figuras predominantes são: o juiz, o padre e a professora primária. Nessa Amazônia bem tradicional, como nas cidades pequenas é muito característica, hoje as “cidades dos notáveis” não desapareceram e estão presentes ainda, mas ao lado delas aparecem aquelas que Milton Santos chamou de: “cidades econômicas”, contrapondo as “cidades dos notáveis”, essas cidades estão ligadas a lógica dos mercados globais: a mineração, a soja, o agronegócio de uma maneira geral não é mais a figura da professora, do juiz e do padre, essas personagens desaparecem e o olhar se volta para o advogado, o médico, o veterinário e o gerente do banco como elementos mais marcantes.

Antes a circulação fluvial e rodoviária era predominante na Região, não se falava muito na circulação ferroviária na década de 60 quando se falava em Amazônia, mas devemos salientar que algumas cidades surgiram em função das ferrovias, somos conhecedores de que predomina a circulação pelos rios devido a questão geográfica, mas o sistema aeroviário mostra-se de grande importância pela rapidez nas conexões dentro da Região.

No passado praticamente inexistiam cidades intermediárias todos os acontecimentos político, econômico e social se desenvolviam nas cidades principais que era Manaus e Belém, hoje há um fenômeno novo e de grande importância que é a formação





desses núcleos econômicos dinâmicos de forte influência em determinadas sub-regiões, podemos chamar de cidades medias com conexões muito forte em nível global, algumas são sedes importantes de empreendimentos que fazem a interligação do mercado local com o global, isso faz tirar uma visão do passado em que a metrópole se tornava o único núcleo econômico, rompendo com um olhar retrógrado de uma Amazônia tradicional, nos revelando uma Região que está associada as frentes de modernização e implementação de novos empreendimentos com a construção de novas atividades econômicas.

Falar da urbano diversidade, as novas cidades pequenas, as cidades locais que são decorrente principalmente de um modelo rodoviário, que se constituíram através de um processo migratório, as cidades tradicionais principalmente as ribeirinhas em que permanecem pouco impactada pelas frentes econômicas, as cidades medias que surgem em polos, não digo de desenvolvimento, mas de crescimento, sobressaindo o eixo de desenvolvimento como é pensado o novo modelo hoje, as metrópoles regionais com suas áreas de abrangência diferenciada e com especificidades muito marcante e as cidades-empresas que estão presentes desde a década de 80 e que também compunham essa urbano diversidade e cada uma delas mostrando como são diversas entre elas nós temos diversidades de formas e conteúdos urbanos que demonstram essa diversidade regional.

CIDADE-EMPRESA

Essas cidades talvez sejam as mais diferenciadas das cidades regionais, porque são elementos novos na rede urbana e na rede territorial, são aquelas cidades que estão associadas aos grandes objetos, como falava Milton Santos, quando escreveu sobre “os grandes projetos na Amazônia”, ele identificou sendo “grandes objetos” como se fosse “grandes objetos implantados na floresta’ e que deram uma nova dinâmica a determinados espaços que viviam as pessoas ligadas ao extrativismo e ao rio.

Essas cidades são bases logística dos objetos e em grande parte vão forçar a interrelação da Amazônia e como elas surgiram dos grandes empreendimentos, pois normalmente as cidades que existiam não eram suficientes para dar conta dessas demandas desses “grandes objetos”, elas estão muito distantes dos centros urbanos, parte





delas, com algumas exceções, estão bem distantes das metrópoles regionais, podemos identificar como cidades econômicas naquele sentido que Milton Santos relata contrapondo as “cidades dos notáveis”, não dar para pensarmos uma cidade-empresa como uma “cidade notável”, pois não são figuras dos notáveis que estão marcando essas cidades e são as “cidades corporativas” no sentido atribuído ao termo por Milton Santos, “funcionam a partir dos interesses das grandes corporações”, tanto para a mineração e a produção de energia elétrica. Essas cidades inserem as sub-regiões ao circuito da produção global, apesar de estarem ocupando um espaço na floresta e inseridas na Região vivem uma dinâmica muito mais extra regionais que inter-regional, embora sendo pequenas muitas dessas cidades não podem ser classificadas como locais, porque não atendem as demandas locais pelo processo de exclusão, não só dos moradores da cidade como também dos serviços básicos, normalmente são herança dos projetos das grandes empresas criados em 1980. Mas encontra partida, não são as empresas que fazem a manutenção dos serviços básicos e sim o poder público local. Essas cidades são relativamente bem estruturadas, mas precisam de recursos para serem mantidas e assim elas passam a ser cada vez mais responsabilidades dos governos municipais, isso requer de certa forma recursos para manter essas cidades e esses governos municipais de alguma forma ficaram responsáveis por gerir os impactos que foram causados pelos grandes projetos. Entretanto, hoje as empresas não desenvolvem seus projetos nas “cidades planejadas”, pelo contrário à ideia e inserir essas empresas cada vez mais em cidades já existentes, então a ideia não é mais a cidade das empresas, mas é que a população adote a empresa como se fosse sua, pois faz com que as empresas se livrem dos encargos e da responsabilidade na infraestrutura, podemos citar 3 tipos de cidades-empresas: as cidades fechadas, as cidades semiabertas e as cidades abertas.





CIDADE RODOVIÁRIA

Outras cidades que cresceram e se formaram em consequência de processos migratórios foram as cidades locais que se constituíram as margens das rodovias e a partir da construção das rodovias, normalmente são cidades que foram surgindo a partir das frentes de expansão das madeireiras e da pecuária, que cresceram ou se formaram em função dos processos migratórios nessas cidades temos elementos mais novos da Região, tem uma lógica definida pelo Estado. Nelas se verifica a formação de um novo poder local que vai descaracterizar completamente das cidades dos notáveis, essas cidades se confundem com as cidades tradicionais, mas são cidades locais porque elas têm interação com o entorno, normalmente as sub-regiões ou espaços onde elas estão localizadas, vivenciaram intensos processos de fragmentação política e territorial. Elas deram origem a novos municípios em função de novos agentes que estão presentes que fizeram surgir um novo poder local. Portanto, há 3 tipos de cidades rodoviárias: as da colonização oficial, as da colonização particular e as cidades mais espontâneas.

CIDADE TRADICIONAL

São as cidades que mantem a forma e o conteúdo do urbano anterior a década de 1960, onde esses elementos são muito marcante ainda na cidade elas são pioneiras no processo de ordenamento de organização territorial e elas estão em grande parte nessas vias de circulação que eram mais comuns ou nos casos dos rios ou no caso das antigas ferrovias, o tempo dessas cidades e um tempo mais lento, a circulação também é mais lenta, são cidades que estão em áreas pouco impactadas pelos novos processos, novas dinâmicas, em grande parte elas vivem ainda ligadas a uma lógica da floresta, principalmente atividades extrativistas, combinado com uma agricultura mais de





subsistência praticadas em várzea. Nessas cidades 80% da população não é migrante, mas de certa forma tem um enraizamento na localidade, em grande parte se verifica a presença dos notáveis, inclusive com grupos políticos que dominam essas cidades municípios que controlam politicamente esses espaços, diferentes das cidades rodoviárias a região e o entorno não apresentam grandes projetos de fragmentação política, ou seja, não existem essa ideia da criação de novos municípios e as políticas voltadas para essas cidades tradicionais pouco atentam para particularidade que elas apresentam pode-se constatar quando se trabalha em planos diretores das cidades ribeirinhas, os planos as políticas pensadas são políticas com uma concepção de urbano muito metropolitano e muitas vezes não amazônico influenciando essas políticas locais.

Podemos identificar tipos diferentes de cidades tradicionais que estão localizadas as margens dos rios, a várzea e a floresta, uma população predominantemente nativa com enraizamento cultural, que surgiram em função das rodovias, foram cidades que se formaram com populações migrantes, mas migrantes da primeira metade do século XX, ou seja há uma certa mesclagem com a população local, ou seja, são populações do passado, onde há um pouco da cultura do local de origem, mas em grande parte se assimilou a cultura local a cultura regional e a maior parte das cidades tradicionais com um forte conteúdo híbrido, multiforme ainda que predomine populações locais, populações nativas e o processo de mistura e mais recente que as cidades de colonização mais antiga, todas os 3 tipos de cidades tradicionais com as suas singularidades que também sugerem políticas urbanas diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os argumentos discutidos nos tópicos anteriores poderiam levar a pensar em uma única questão: existe uma Amazônia urbanizada? Ou haveria que se pensar em uma série de questões, implicando a existência da diversidade existente nas cidades da região, não necessariamente articuladas entre si ou mesmo articuladas internamente de forma simplificada? É possível pensar em amplas redes de cidades hierarquicamente articuladas a partir apenas dos dois grandes polos regionais, Belém e Manaus? Ou seria necessário pensar





também em uma ou mais redes de cidades articuladas a partir do grande vetor de transformação da Amazônia contemporânea, ou seja, o "arco rodoviário" que redefiniu sua ocupação nas últimas décadas e marcou sua integração com o resto do País? A resposta a esse conjunto de questões não é de forma alguma simples, mas pode-se dizer que pensar em uma única rede urbana amazônica não é possível, mas toda a complexidade que caracteriza a região deve ser analisada e planejada com a implantação de políticas públicas que respeite a natureza viva. Nessa perspectiva, qual o papel da "identidade amazônica", que simplificada pode ser entendida como a "cultura da floresta", presente inclusive nos grandes centros urbanos? Baseando-se nas considerações dos parágrafos anteriores, percebe-se que apesar da complexidade, existe uma Amazônia Urbanizada.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. Pensando a cidade do Brasil do passado. In: CASTRO, Iná Elias de e outros, Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ARAÚJO, Renata Malcher de. As cidades da Amazônia no século XVIII. Porto : Universidade do Porto, 1998.
- BECKER, Bertha K. – Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BROWDER, John O. & GODFREY, Brian J. Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia Brasileira. Manaus: EDUA, 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço urbano: São Paulo: Contexto, 2015.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Estudos sobre a rede urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- FRANCO, Thiago Guimarães e SCHOR, Tatiana. Pequenas cidades na Amazônia ribeirinha: um estudo de Tocantins/AM. In: OLIVEIRA, José Aldemir de e NOGUEIRA, Ricardo José Batista (org). Amazônia, território e ambiente Rio de Janeiro: Letra e Capital, 2018.
- HARVEY, David – Cidades rebeldes: do direito à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p.27-66.





BECKER, Bertha. A urbe amazônica: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1945.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LENCIONI, Sandra – Observações sobre o conceito de cidade e urbano. GEO-USP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, 109-123, 2008.

MACHADO. Lia Osório – Região, cidades e redes ilegais. Geografias alternativas na Amazônia Sul – americanas. GONGALVES, Maria Flora et al. (orgs). Regiões e cidades, cidades nas regiões o desafio urbano – regional. São Paulo: UNESP/ANPUR, 2003.

MESQUITA, Otoni: La belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus: EDUA, Parte II e III.

Monte Mór, Roberto Luís. O que é urbano no mundo contemporâneo. REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n 111, p.09-18, jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, José Aldemir – Cidades na selva. Manaus: Valer, 2000.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Dinâmicas urbana n Amazônia: espacialidades, ambiente e saúde. Manaus: EDUA, 2016.

OLIVEIRA, JOSÉ ALDEMIR & SCHOR, TATIANA. Manaus: transformações e permanências, do forte à metrópole regional. In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo. HUCITEC, 1993.

SATHLER, Douglas; MONTE-MÓR, Roberto L.; CARVALHO, José Alberto Magno de. As redes para além dos rios: urbanização e desequilíbrio na Amazônia brasileira. Nova economia. Vol. 19 no. 1 Belo Horizonte, jan./apr. 2009.

SCHOR, Tatiana; OLIVEIRA, José Aldemir de; MORAES, André de Oliveira e SANTANA, Paola Verri de – Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no Estado do Amazonas, Brasil. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAR, Macapá v. 9, n.1 p. 09-35, jan./jun. 2016.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da Amazônia: o processo de urbanização recente. In: Formação metropolitana de Belém (1960-1997). Belém: Paka-Tatu, 2016.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Das “cidades na floresta” às “cidades na floresta”: espaço, ambientes e urbanodiversidades na Amazônia Brasileira. Belém:





UFPA/NAEA, Papers do NAEA, n. 321, dez, 2013.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair & ROCHA, Gilberto de Miranda (org.) Cidade empresa na Amazônia – gestão do território e desenvolvimento. Belém: Paka-Tatu, 2002.

